

Jung, Ciência e Educação¹

Jung, Science and Education

Otávio Segal de Araújo²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo entrar nas teorias junguianas e em alguns escritos de Carl G. Jung³ para debater a Psicologia Analítica e sua classificação como ciência e mais tarde, classificando-a como ciência, o que tal área do conhecimento tem a nos oferecer para construção de um método de ensino-aprendizagem, ou qualificação do mesmo. Dos escritos de Jung e sua Psicologia Analítica, temos na ciência e educação ótimos pontos de debate para amplificar o conhecimento entorno do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: educação, ciência, professor, aluno, Jung.

Abstract: This article aims to get into Jungian theories and some writings by Carl G. Jung to discuss Analytical Psychology and its classification as science and later to classify it as science, what such an area of knowledge has to offer us. construction of a teaching-learning method. From the writings of Jung and his Analytical Psychology, we have in science and education great points of debate to amplify the knowledge around the teaching-learning process.

Keywords: education, science, teacher, student, Jung

Começamos ao explorar o importante debate sobre *psicologia analítica* e sua possibilidade de ser ou não ciência, revendo os métodos de Jung para trazer à tona suas principais influências, desde filósofos à psicólogos. Certas perguntas podem ser feitas, ainda hoje, sobre a veracidade da psicologia analítica e psicoterapia ser “baseado em provas”⁴, então perguntemos: a psicologia analítica afirma-se como ciência? Para essa resposta podemos

¹ Tema escolhido para o artigo, com base no seminário dado pelo aluno Otávio S. de Araújo, na cadeira de Seminário de Filosofia Contemporânea ministrado pela Dr^a. Prof^a Flávia C. Chagas em 2016

² Licenciado em Filosofia e Graduando do curso de Filosofia – Bacharelado, e-mail: otaviosegalla@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/3135797793106618>

³ Carl Gustav Jung 1875 - 1961 – Fundador da Psicologia Analítica.

⁴ “Pelo lado mais desanimador, houve movimentos culturais e médicos em larga escala com o objetivo de desacreditar qualquer forma de psicanálise ou psicologia profunda. A psiquiatria biológica, a indústria farmacêutica e as companhias de seguro uniram-se para enfraquecer as intervenções terapêuticas de longo prazo. Esses grupos exigiram que a psicoterapia fosse “baseada” em provas”, se quisesse ser considerada eficaz. Embora seja impossível retomar essa história aqui em detalhes, queremos reconhecer que a psicologia analítica encontra muitas promessas e muitos obstáculos para desenvolver uma justificativa científica e empírica da sua eficácia. Antes de tratar disso, queremos ressaltar que essa busca pela prova não surgiu de uma preocupação estritamente científica ou ética a fim de garantir a eficácia da psicoterapia. A indústria farmacêutica tem, cada vez mais, desejado formas de tratamentos mentais mais curtas e impessoais, com a finalidade de reduzir os custos e aumentar o lucro. Essa exigência de uma “evidência” de eficácia é mais orientada por interesses de mercado que por questões humanísticas ou compassivas.”. (*Compêndio da Cambridge sobre Jung*, pg 14)

observar as inspirações de Jung e, também, buscarmos em seu livro *O desenvolvimento da personalidade*. Ao que parece, Jung dá uma resposta satisfatória para sua época, tentando fundamentar a psicologia analítica nos métodos empíricos, ao mesmo tempo que tenta ver o homem o seu todo, buscando não somente aspectos materiais ou biológicos. Jung inaugura a passagem da psicologia analítica para às ciências do espírito. Temos no exemplo de fala de Jung, boa justificativa para tal:

[...]Nossa psicologia considera o homem tanto no seu estado natural como no estado modificado pela cultura; em consequência disso, ao explicar os fatos deve ter sempre em mira os dois pontos de vista, tanto o biológico como o espiritual. Como psicologia médica, somente pode tomar em consideração o homem completo[...] (JUNG, *O desenvolvimento da personalidade*, p. 76, 77)

É demonstrada nessa parte a admiração que Jung tem pelas ciências empíricas, principalmente as biológicas, talvez, por terem dado oportunidade ao homem de conquistar o próprio corpo e conhecer o funcionamento de seu cérebro. Mas quando nos referimos à psique humana, podemos perceber sua grande preocupação em embarcar, também, na constituição cultural ou espiritual do homem. Seus estudos sobre a filosofia ocidental e a influência de alguns autores demonstram a preocupação que Jung tinha com o funcionamento da psique e da realidade, e já nos indica um provável caminho sobre a fundamentação da psicologia analítica enquanto ciência.

“As teorias de Kant, Goethe, Schiller, Hegel e Nietzsche foram particularmente influentes na formação do tipo de modelo teórico que Jung viria a se valer por meio da lógica dialética e do jogo de opostos[...]Jung afirmava-se um kantiano e escreveu que “a minha maior aventura mental foi o estudo de Kant e Schopenhauer” (CW 18, p.213).” (DOUGLAS, C. *O contexto Histórico da psicologia analítica – Compêndio de Cambridge sobre Jung*, pg 73-74)

Após algumas investigações e leituras, podemos perceber que há, na investigação do psíquico, um problema base, levantado pelo próprio Jung e que nossa época, mesmo distante, ainda tem problemas em resolver. Quando se trata de investigar o psíquico, quem o investiga é o próprio psíquico, “no caso da psicologia é a psique que se observa a si mesma, diretamente no sujeito e indiretamente em outra pessoa.”. (JUNG, *O desenvolvimento da personalidade*, p. 77). O método que Jung utiliza para aproximar-se das ciências naturais é o método empírico e fenomenológico, mas por buscar entender o homem em sua totalidade, Jung necessita de algo que abranja não só o físico e o psíquico como processos naturais, mas reflète também o seu ser vivente no mundo cultural, como podemos ter nas palavras do autor, a psicologia neste momento situa-se além da ciência natural, ficando em desvantagem, principalmente quando a psique analisa a própria psique e o mundo cultural.

O autor, em suas palavras, distingue bem a psicologia da ciência natural, mas ainda a enquadra neste âmbito:

Quando, pois, o psicólogo médico reflete o psíquico no psíquico, enquadra-se decerto no âmbito da ciência natural, por empregar o método empírico e fenomenológico. Contudo se distingue, por princípio, da ciência natural, por efetuar a reconstrução (conhecimento e explicação), não em um meio de outra natureza, mas em um meio de natureza igual. A ciência natural reúne dois mundos, o físico e o psíquico. A psicologia apenas realiza isso enquanto considerada como psicofisiologia. Por princípio, porém, como psicologia “pura”, explica “o desconhecido por algo mais desconhecido ainda” (*ignotum per ignotius*), pois ela apenas pode reconstruir o processo observado recorrendo ao próprio meio de que consta o processo[...] Neste ponto decisivo a psicologia se encontra situada além da ciência natural. Partilha com ela o mesmo método da observação e da averiguação empírica dos fatos. Falta-lhe, porém, o tal ponto reclamado por Arquimedes (cultura), situado no exterior, e por isso também a possibilidade de mediação objetiva. (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg 78 – 79)

Mesmo com a dificuldade de entender o mundo cultural e a psique, ainda nos tempos de hoje, as personalidades que estudamos aparentam ter uma capacidade de ir além, transformam a capacidade de viver do homem, transformam o estado de cultura estudando a si e ao mundo. Nesse âmbito de circulação do psíquico, Jung vê um fenômeno, *psique*, e tenta enquadrar a psicologia analítica como ciência do espírito, para analisar o psíquico como um fenômeno e dar as bases suficientes para começar o estudo direto da psique humana, mas não é suficiente, reduzir a fenômenos intrapsíquicos, Jung vê na psique uma *realidade por si*, relacionando-os com outros níveis da experiência humana.

De mesma maneira pela qual as relações e objetos não podem ser reduzidos a fenômenos intrapsíquicos, Jung sempre defendeu a *realidade da psique per se*. Os fenômenos psíquicos estão relacionados com outros níveis da experiência, mas não podem ser reduzidos a eles, ainda que sejam a bioquímica do cérebro ou a história pessoal de alguém (SALMAN, S. A psique criativa: as principais contribuições de Jung – *Compêndio de Cambridge sobre Jung*, pg 119)

Ou seja, no estudo da psique:

A psicologia pode reclamar para si o direito de ser também uma *ciência do espírito*. Todas as ciências do espírito têm seu campo de atuação dentro do psíquico, se considerarmos este último conceito dentro da limitação com que toma a ciência da natureza. A partir desse ponto de vista da ciência da natureza, o “espírito” é um fenômeno psíquico. (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg 80)

Com o desdobramento científico da psicologia analítica dentro das ciências espirituais, hoje conhecidas como humanas, o autor nos alerta sobre os movimentos que as sociedades devem fazer para desenvolver a psique de forma saudável. Esse movimento que a sociedade faz para desenvolver no indivíduo suas capacidades de vivência. Sua análise começa demonstrando que o âmbito familiar é o principal eixo para bom funcionamento da psique,

desde a infância. Ou seja, para que haja um bom desenvolvimento da personalidade é necessário um ambiente familiar propício.

“[...]A criança tem uma psique extremamente influenciável e dependente, que se movimenta por completo no âmbito nebuloso da psique dos pais, do qual só relativamente tarde consegue libertar-se” (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, p. 44)

Como o indivíduo conseguiria entrar na sociedade? Preparar-se para o mundo do trabalho? Pensar criticamente sobre suas atitudes e a ordem do mundo? Há muito em nossa história. A sociedade medieval, usava da Igreja-Estado para criar um âmbito familiar amplo, que saísse das portas de nossa casa e entrasse em contato com o mundo exterior, a igreja e seus respectivos personagens tentavam substituir o papel familiar. Do século XVIII em diante, percebemos um movimento estatal que tem na visão do estado a figura do pai. Nos tempos modernos temos a escola, e esse ambiente vem tornando-se o primeiro contato com o mundo real, após a educação dos pais - que é um tanto natural, devido a seu contato biológico próximo à criança. O movimento da criança é tentar encontrar na escola e no professor(a) a figura do pai, mãe e da família, projetando sobre essas duas imagens novas, imagens anteriores. Deste ponto podemos ter como partida a fundamental importância da psicologia analítica para professores:

“[...]A criança tem naturalmente frente ao professor o modo de adaptação aprendido do pai; projeta sobre ele a imagem paterna, como se diz em linguagem técnica, demonstrando a tendência de identificar a personalidade do professor com a imagem do pai. Por isso o professor precisa abrir sua personalidade à criança ou, ao menos, dar a oportunidade de que ela mesma encontre esse acesso. Desde que o relacionamento pessoal entre criança e professor seja bom, pouca importância terá se o método didático corresponde ou não às exigências mais modernas. O êxito do ensino não depende do método. De acordo com a verdadeira finalidade da escola, o mais importante não é abarrotar de conhecimentos a cabeça das crianças, mas sim contribuir para que elas possam tornar-se adultos de verdade. O que importa não é o grau de saber com que a criança termina a escola, mas se a escola conseguiu ou não libertar o jovem ser humano de sua identidade com a família e torna-lo consciente de si próprio[...]” (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, p. 50)

Da família à entrada na sociedade através da escola, o educador e o educando precisam de uma espécie de sintonia entre si, “os homens estão, pois, unidos entre si por relações morais, de modo que o condutor encaminha os conduzidos, e os conduzidos tentam o condutor”. (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, p.71). Como identificar os processos da psique? Como as crianças e o educador podem conhecer-se melhor? Carl G. Jung, em seu livro *Tipos Psicológicos*, formula tipologias de nossa psique para que possamos compreender melhor o funcionamento do psíquico diante do mundo e das coisas. O contato com professores que ainda estão na formação de sua individualidade e buscam a consciência

de si, fazem com as crianças sejam impulsionadas para o mesmo processo. Sempre tendo em vista que para Jung, a verdadeira finalidade da escola é libertar o jovem de sua identidade com a família e sociedade, para torna-lo independente.

“O que importa não é o grau de saber com que a criança termina a escola, mas se a escola conseguiu ou não libertar o jovem ser humano de sua identidade com a família e torna-lo consciente de si próprio. Sem consciência de si mesmo, a pessoa jamais saberá o que deseja de verdade, mas continuará sempre na dependência da família e apenas procurará imitar os outros, experimentando o sentimento de estar sendo desconhecida e oprimida pelos outros.” (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg. 50)

Essas tipologias ou esses tipos psicológicos lidam com funções de nossa psique e nós esperamos (mesmo com medo) ser possível controlar as funções. “Uma das conquistas mais importantes da psicologia analítica é sem dúvida o conhecimento da estrutura biológica da alma” (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, p.45). Quando essas funções são controladas elas podem ser postas fora de uso, podem ser suprimidas, selecionadas, aumentadas, dirigidas por uma intenção. Ou podem, com frequência escapar do nosso controle. Pensam, agem e sentem em nosso lugar. Esse desenvolvimento dá-se, principalmente, na criança. “Pela educação e formação das crianças procuramos auxiliar esse processo. A escola é apenas um meio que procura apoiar de modo apropriado o processo de formação da consciência”. (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, p. 46).

Nesse momento, já iniciamos um debate importante sobre a psicologia analítica e sua validade científica, observamos a importância da psique, a importância de seu desenvolvimento e como a escola pode ser o meio mais importante para desenvolver na criança as funções. Quais funções seriam essas? E os tipos psicológicos? O que são? Como caracterizam-se?

Podemos ir com uma pergunta por vez. Quais seriam as funções da psique? A explicação dessas funções pode ser encontrada no livro *Fundamentos da psicologia analítica*, onde Jung vai explanar sobre os diversos pontos de seu trabalho, sendo um desses pontos as funções.

Seriam elas, funções que nos auxiliam no campo dos ectopsíquicos e endopsíquicos.⁵

A Ectopsique pode ser encarado como um sistema que relaciona conteúdos da consciência, com os fatos originários do mundo externo. Como se fosse um sistema de

⁵ Pode ser encontrado no livro *Fundamentos da psicologia analítica*, quando Carl G. Jung debate com seus colegas as funções da psique., pg 30 - 50

orientação que para manipularmos os fatos exteriores. A Endopsique é o sistema de relação entre os conteúdos da consciência e os processos desenrolados no inconsciente.

Com esses dois âmbitos “em mãos”, teremos funções diferentes para que nos adaptemos ao conhecimento do mundo; na ectopsique encontramos a sensação, o pensamento, o sentimento e a intuição. Na endopsique encontramos a memória, os componentes subjetivos das funções conscientes, emoções e afetos e a invasão.

1) Primeiro podemos caracterizar as funções ectopsíquicas:

1.1) Sensação – é a função dos sentidos, a soma total da minha percepção do mundo externo. Dizendo-me que alguma coisa é, não o que é.

2.1) Pensamento – exprime o que alguma coisa é, dando-lhe nome, acrescentando-lhe um conceito.

3.1) Sentimento – o sentimento nos informa o valor do objeto, quando dois entram em conflito e é necessário escolher apenas um. É o sentimento que nos diz se algo é ou não aceitável.

4.1) Intuição – precisamos saber o que há ali na frente, antever o que vem depois das esquinas.

2) Em segundo, as funções endopsíquicas:

1.2) Memória – nos liga a fatos enfraquecidos na consciência, reproduzindo conteúdos inconscientes.

2.2) Componentes subjetivos das funções conscientes – reações subjetivas de cada indivíduo, tendências para reação.

3.2) Emoções e afetos – São mais acontecimentos do que funções, somos empurrados ou arremessados por algum fato.

4.2) *Invasão* – quando o inconsciente tem domínio total e irrompe em nossa consciência.

Respondida à questão das funções, podemos seguir adiante e ver os tipos psicológicos, sendo eles dois no geral: o introvertido e o extrovertido.

Há uma certa caracterização desses tipos especiais – suas funções diferenciadas desempenham o papel principal na adaptação e orientação de um indivíduo. Essas funções distinguem-se por direção do interesse ou movimento de sua energia. As funções gerais são atitudes particulares em direção ao objeto.

Introvertido – *“The introvert’s attitude to the object is an abstracting one; at bottom, he is always facing the problem of how libido can be withdrawn from the object, as though an attempted ascendancy on, the part of the object had to be continually frustrated”*⁶ (JUNG, *Psychological Types, Chapter X, pg. 1*)

Extrovertido –

*The extravert, on the contrary, maintains a positive relation to the object. To such an extent does he affirm its importance that his subjective attitude is continually being orientated by, and related to the object. An found, the object can never have sufficient value*⁷ (JUNG, *Psychological Types, pg. 2*)

No indivíduo, tais tipos, formam características como falar pouco ou muito, impenetrabilidade, timidez ou sociabilidade, serenidade. Características menos ou mais amigáveis. A questão é: são atitudes típicas com um universo bem maior do que a limitada psicologia e experiência podem supor, mas não deixam de ser típicas e podem ser encontradas na maioria dos seres humanos.

O trabalho de Jung sobre subjetividade e objetividade conduziu-o à sua teoria dos *tipos psicológicos*. Essa teoria distinguiria os componentes universais do consciente e esboçava as suas diferentes maneiras de funcionamento em indivíduos diferentes[...]Os modos de percepção e as propriedades da consciência podem combinar-se de várias maneiras, resultando nas dezesseis “tipologias”, os estilos básicos da consciência. Há, por exemplo, o “tipo introvertido intuitivo pensativo” e também o tipo “extrovertido sensitivo sentimental”. (SALMAN, S. A psique criativa: as principais contribuições de Jung – *Compêndio de Cambridge sobre Jung*, pg 120-121)

Agora que conhecemos e caracterizamos os tipos psicológicos e as funções da psique humana, obtemos, mesmo que de forma limitada, um horizonte para o professor atuar em sala de aula, conhecendo melhor os seres humanos que estão diante de si.

A compreensão tanto da objetividade da psique como da importância da sua experiência subjetiva permite à perspectiva junguiana do processo analítico descobrir a história pessoal do paciente, conhecer a sua dinâmica e a sua identificação inconsciente, as suas limitações, o seu sofrimento presente e curar os

⁶ A atitude introvertida em direção ao objeto é uma atitude abstrata; no fundo, ele sempre está enfrentando o problema de como a libido pode ser retirado do objeto. Mesmo com sua tentativa de ascendência em direção do objeto parte desse objeto continua escondido. - Tradução livre.

⁷ O extrovertido, ao contrário, mantém uma positiva relação com o objeto a tal ponto que ele afirma a importância de sua atitude subjetiva ser continuamente orientada e relacionada com o objeto, podendo tal objeto nunca ter valor suficiente. – Tradução livre.

seus complexos não resolvidos, e a presença do desconhecido emergente. (SALMAN, S. A psique criativa: as principais contribuições de Jung – *Compêndio de Cambridge sobre Jung*, pg 120-121)

Ao aprofundarmos um pouco mais o assunto educacional, temos na escola junguiana clássica a percepção de que na criança o desenvolvimento da personalidade se dá de forma mais maleável, portanto, podemos identificar as funções e as tipologias indicando caminhos para possíveis desenvolvimento. Logo, identificando suas prioridades diante do mundo para encontrar sua verdadeira natureza, assim chegamos, possivelmente, à personalidade. É interessante o caráter que provém de tal pensamento, onde na criança já há o germe, onde a experiência seria o responsável por desenvolver. Obtemos um caminho claro para que a escola passe a localizar em cada criança sua individualidade, para explorá-la e leva-las ao seu máximo desenvolvimento. Podemos perceber que há uma crítica ao movimento empirista, por acreditar que somos amplamente moldados pelo mundo, mas, por sua vez, sua teoria dos tipos psicológicos nos dá uma verdadeira fonte animadora, para que possamos trabalhar em sala de aula, acreditando que cada aluno tem seu potencial e será capaz de desenvolver-se de acordo com sua natureza criativa e imaginativa, explorando seus potenciais...

Jung insiste, porém, em que nós não começamos a vida como uma tábula rasa, uma placa em branco a ser gravada por aquilo que está fora de nós[...]. O recém-nascido emerge desde o começo como personalidade única e distinta, com as suas próprias maneiras específicas de enfrentar e reagir à experiência. Essa perspectiva é demonstrada na teoria junguiana dos tipos psicológicos. A introversão e a extroversão são duas maneiras radicalmente diferentes de enfrentar e julgar a experiência [...]. Contudo, ambas são tidas como tendências inatas de cada indivíduo. O mesmo vale para as assim chamadas funções da consciência [...]. Essas atitudes e funções inerentes podem ser suprimidas e distorcidas pelas reações às pressões da cultura ou do ambiente; o resultado, então é um desenvolvimento e um florescimento da verdadeira natureza do indivíduo que ficam aquém do satisfatório. A verdadeira natureza é uma potencialidade dada e definida desde o nascimento. (SALMAN, S. A psique criativa: as principais contribuições de Jung – *Compêndio de Cambridge sobre Jung*, pg 120-121)

Jung nos fala de uma psique com suas estruturas *a priori*⁸ necessária para sua manutenção, pode parecer que a criança tenha que ter um “mundo intocado”, mas para o bom desenvolvimento da criança e de um local onde ela possa dar seu máximo, dependerá de “um educador que não pode contentar-se em ser portador da cultura de modo passivo, mas deve também desenvolver ativamente a cultura, e isso por meio da educação de si próprio.” (JUNG, *O desenvolvimento da personalidade*, p.52). O autoconhecimento é um movimento

⁸ Para entendimento do funcionamento da formulação de imagens e a arquétipos na psicologia profunda junguiana, é necessário, de acordo com Jung, estipular estruturas a priori da psique humana, assim como Kant em suas implicações na *Crítica da Razão Pura*, proporcionando para Jung “as estruturas a priori necessárias à própria razão.” Recomendo leitura de Kugler, P. A criação de imagens na psique: uma ponte entre sujeito e objeto – *Compêndio de Cambridge sobre Jung*, pg 137

imprescindível para ser um bom profissional da educação e dar a criança o âmbito, através do exemplo, para que haja conhecimento no ensino-aprendizagem, tendo conhecimento de si, das tipologias e do desenvolvimento das funções, ter tal conhecimento é importante, não para a educação mas para saber o efeito que a educação tem quando é dada pelos pais e pela pedagogia:

Sobre a educação em geral e especialmente sobre a pedagogia usual nas escolas, muito pouco tem o médico a dizer, partindo do ponto de vista de seu campo específico e por não tratar-se de sua especialidade. Contudo, ele tem uma contribuição muito importante a dar[...] Pela experiência constante ele está alerta, conhecendo muito bem que papel importante desempenham, até à idade adulta, as influências dos pais e as atuações pedagógicas da escola. Por isso inclina-se a procurar normalmente a razão e a causa das neuroses infantis[...] (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, p.121)

A psicologia do sonho e do comportamento humano será de interesse geral, principalmente para as pessoas que se dediquem à educação para o conhecimento da natureza psíquica de seus educandos. Diante desse conhecimento sobre a natureza psíquica de seus educandos, como pode o professor aplicar tal conhecimento? Afinal a psique continua constituindo-se como um mistério e “Longe de ser um assunto individual, a psique objetiva reflete a universalidade da experiência e a criação de significado a partir dessa experiência.”. (SALMAN, S. A psique criativa: as principais contribuições de Jung – *Compêndio de Cambridge sobre Jung*, pg 120-121)

- **A educação para a formação da personalidade**

A formação da personalidade, na visão de Jung, é o ideal pedagógico moderno. Contrário ao ensino conservador, onde a massificação do saber gera a massificação das pessoas, o autor colocará na educação infantil um dos principais papéis sociais para desenvolvimento da personalidade.

“Educação para a personalidade” tornou-se hoje um ideal pedagógico. Esse ideal contrapõe ao homem coletivizado ou normal, tal como é padronizado e promovido pela massificação geral. Funda-se esse ideal no conhecimento correto do fato histórico de que os grandes feitos libertadores ocorridos na história universal sempre partiram de personalidade dotadas de liderança e jamais da grande massa inerte e sempre secundária, que para o mínimo movimento necessidade sempre de um demagogo. (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg. 148)

Jung demonstra perplexidade diante dos métodos empregados e coloca a culpa de tais métodos serem tolos em educadores tolos, que nem seres humanos são, “mas autômatos de métodos sob a forma de gente. Se alguém quer educar, que primeiro seja educado.” (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg. 149). Contra a mecanicidade dos métodos na

educação, Jung elogia e declara fortemente seu apoio a esse ideal da formação da personalidade, mas não deixa de criticar pesadamente as pessoas que educam tais crianças, sendo eles pais e mães incompetentes e depois no educador. “Todo nosso problema educacional tem orientação falha: vê apenas a criança que deve ser educada, e deixa de considerar a carência de educação no educador adulto.” (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg. 149).

Pode parecer que Jung “prega” para nós, uma espécie de indivíduo que está acima da sociedade, podendo ser acusado de individualista. Mas isso, para o autor, parece tolice. As personalidades históricas podem muito bem nos comprovar que o ideal da personalidade está, exatamente, naquele que ultrapassa barreiras, vai além dos métodos vigentes e, demonstra com muita sabedoria, novos rumos, caminhos ou até pode apresentar novos conhecimentos para a geração posterior.

A referência às personalidades históricas explica suficientemente por que o desenvolvimento da personalidade constitui um ideal e por que a acusação de individualismo é um insulto. A grandeza das personalidades históricas jamais constituiu em submeterem-se incondicionalmente às convenções[...]destacaram-se da massa como picos de montanhas e escolheram seu próprio caminho, enquanto a massa se apegava a tudo que é coletivo: temores, convicções, leis e métodos. (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg 155)

Ao concluirmos esse básico estudo sobre a educação em Carl. G. Jung é importante salientar o autoconhecimento, a psique que funciona para conhecer a própria psique, para aliar-se ao mundo externo, explorando as diversas características possíveis no ser humano, desenvolvendo sua personalidade - que é o ideal educacional. Essa personalidade “já existe em germe na criança, mas só se desenvolverá aos poucos por meio da vida e no decurso da vida” (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg 151.)

Mas como identificaremos essa personalidade? De acordo com Jung, três qualidades características dos seres humanos são importantes: *determinação, inteireza e maturidade*. Tendo a criança a possibilidade de ser uma personalidade é interessante frisar que é...

[...]o adulto que pode atingir a personalidade como o fruto amadurecido pelo esforço da vida orientada para esse fim. Atingir a personalidade não é tarefa insignificante, mas o melhor desenvolvimento possível da totalidade de um indivíduo determinado[...] Trata-se sem dúvida da maior tarefa que nosso tempo propôs para si mesmo no campo do espírito. (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, p 152)

E o que proporciona que tal personalidade possa ser afluída? Para Jung, a educação deve favorecer, também, a designação, sendo esse o passo esclarecedor do por que um ser humano deve ser educado e não só a criança, mas também o educador.

A designação é um fator irracional traçado pelo destino, que impele a emancipar-se da massa gregária e de seus caminhos desgastados pelo uso. Personalidade verdadeira sempre supõe designação e nela acredita, nela deposita confiança, mesmo que na opinião do homem comum seja apenas um sentimento pessoal de designação. (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg156)

Escuta a voz do seu íntimo, ó Sócrates. Daimonion!

Certamente todos os homens são iguais uns aos outros, pois de outro modo não sucumbiriam à mesma ilusão. Sob esse aspecto, também a personalidade e suas propriedades psíquicas peculiares não representam algo de absolutamente único e singular. A singularidade se refere apenas à individualidade[...]O ser vivente existe apenas sob a forma de uma unidade viva ou indivíduo, por isso a lei da vida se destina sempre a uma vida vivida individualmente[...] Somente pode tornar-se personalidade quem é capaz de dizer um “sim” *consciente* ao poder da destinação interior que se lhe apresenta; quem sucumbe diante dela fica entregue ao desenrolar cego dos acontecimentos e é aniquilado. (JUNG, O desenvolvimento da personalidade, pg 160)

O desenvolvimento da personalidade, em nosso íntimo, faz-nos atingir a totalidade do ser vivente, entramos em contato com o que há de melhor para fazer em nossa vida, a nossa missão. A personalidade pode não apresentar algo de único, mas há ali uma individualidade capaz de alterar a própria realidade, pensando-a. Cada vez que a natureza ou realidade tende a manifestar-se em sua totalidade tende a ser de modo individual, então o ser vivente passa a existir com base numa unidade, concluindo, podemos ver na instituição escola, em algumas palavras de Jung, o papel fundamental para despertar em cada ser humano o estado consciente, dando-lhe o poder necessário para entender sua destinação diante do mundo para, enfim, desenvolver sua personalidade.

Referências:

JUNG, Carl G., 1875-1961. Fundamentos de psicologia analítica / C.G. Jung; tradução de Araceli Elman; prefácio e introdução de León Bonaventure. 3ª ed. – Petrópolis, Vozes, 1985. 200p. (Obras completas de C.G. Jung; v.18/1). Tradução de Über Grundlagen der Analytischen Psychologie.

JUNG, Carl G. Psychological Types, 1921. Translation. BAYNES, H. Godwyn, 1923. Classics in the History of Psychology, An internet resource developed by Christopher D. Green, York University, Toronto, Ontario.

JUNG, Carl G. Tipos Psicológicos. Tomo 1 e Tomo 2. Traducción LA SERNA, Ramón. Editorial Sudamericana, Buenos Aires. Decimoprimer edición (Cuarta en Colección Paragua) Junio de 1985. Queda hecho el depósito que previene la ley 11.723. 1985, Editorial

Sudamericana, S.A., calle Humberto I 531, Buenos Aires. International Standard Book Number (ISBN) - 950-07-0303-3. Título del original em alemán: “Psychologische Typen”

JUNG, Carl G. Desenvolvimento da Personalidade. Edição integral. Título do original: “Über die entwicklung der persönlichkeit”. Tradução. Frei Valdemar do Amaral. Revisão Técnica: Dora Ferreira da Silva. International Standard Book Number (ISBN) -332-0813-8

Compêndio da Cambridge sobre Jung/editado por Polly Young-Eisendrath, Terence Dawson; [tradução Cristian Clemente]. – São Paulo: Madras 2011. Título original: *The Cambridge companion to Jung*. ISBN 978-85-370-0694-8